



»Entrevista | **DANDARA FERREIRA** | CINEASTA DO DOCUMENTÁRIO ANATOMIA DO CAOS

Produção resgata os bastidores da CPI da Covid, que durou três meses em 2021, reunindo depoimentos e documentos, além de imagens inéditas, mas no aguardo de punição. “Bolsonaro e todo seu entorno deveriam ser responsabilizados”, afirma diretora

“Bolsonaro usou o bumbo da morte”

» VANILSON OLIVEIRA

Em um momento em que a corrida eleitoral volta a colocar em debate o legado do governo Jair Bolsonaro (PL), o documentário Anatomia do Caos chega aos cinemas, em 2 de julho, propondo uma revisão de um dos capítulos mais controversos da política brasileira recente: a condução da pandemia de covid-19. Dirigido pela cineasta baiana Dandara Ferreira, formada em Cinema pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e doutoranda em Comunicação Social pela UnB, o filme tem 1h30 de duração e imagens inéditas dos bastidores da CPI da Covid (realizada de abril a outubro de 2021),

documentos oficiais e depoimentos de parlamentares, especialistas e parentes de vítimas para reconstruir os acontecimentos que marcaram a maior emergência sanitária da história do país. Filmado enquanto a investigação ainda estava em andamento, o documentário acompanha os bastidores do Senado e revisita episódios de dor, mortes e relatos dos médicos Nise Yamaguchi, que afirmava que não precisava de vacina, e Anthony Wong, que defendia o uso da Cloroquina. O filme traz detalhes das investigações da comissão que apontou mais de 20 crimes e o indiciamento de 78 pessoas e empresas, a crise de oxigênio em Manaus e

os confrontos políticos. A obra também registra a atuação de integrantes da família Bolsonaro, entre eles o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), que aparece em momentos de tensão durante as oitivas. Em entrevista ao **Correio**, Dandara afirma que decidiu registrar a CPI porque percebeu que aquele espaço concentrava os principais personagens, documentos e conflitos da pandemia. Segundo ela, o filme nasceu do inconformismo diante da banalização das mortes e da convicção de que o cinema também exerce um papel de preservação da memória democrática. “Meu instrumento, minha arma, é a câmera”, resume a

diretora. Para Dandara, Anatomia do Caos vai além da reconstrução dos fatos. A cineasta defende que a produção convida o público a refletir sobre as responsabilidades políticas pela condução da crise sanitária e sobre os impactos que aquele período ainda exerce na democracia brasileira. A estreia em 2 de julho — data que celebra a Independência da Bahia e simboliza a resistência contra o domínio dos colonizadores. É o reforço do caráter político da obra e dialoga com um momento em que o país volta a discutir os rumos da democracia e o legado da pandemia, diz a cineasta.

Em que momento você decidiu registrar o que se passava durante a pandemia?

Eu comecei a pensar em fazer algo ainda quando o número de mortes só crescia. Eu já tinha, durante a pandemia, um desejo de fazer alguma coisa. Acho que havia um sentimento de revolta pelo que a gente estava vivendo. Senti que poderia dar voz ao povo brasileiro; estávamos todos sendo violentados de uma maneira cruel e acho que não podíamos aceitar a banalização, nem naturalizar a crueldade. Meu instrumento, minha arma, é a câmera.

Por que focar, especificamente, na CPI da Covid?

Quando o Congresso aprovou a CPI, eu senti que tinha que registrar. Eu sabia que por ali passaria muita informação e que havia uma investigação em curso. Mas, como te falei, eu não sabia exatamente o quê, até porque a história estava sendo contada ao mesmo tempo em que eu estava filmando. Normalmente, para fazer um documentário, você tem um distanciamento histórico para olhar a história de fora. Eu não tinha, comecei a filmar ao mesmo tempo em que a história acontecia.

Quais foram os desafios logísticos de filmar em Brasília naquele período?

Comentei com uma amiga produtora que gostaria de filmar, pois já estávamos acompanhando a CPI de casa. Ela me disse: “Olha, como produtora, não tenho coragem de colocar minha equipe em Brasília para se arriscar, porque estamos em uma pandemia”. Aí eu falei: “Eu vou”. Para mim era um pouco mais fácil porque meu pai mora em Brasília. Fui sozinha. Ela ficava de casa assistindo e acompanhando as matérias, e eu ficava dentro do Congresso com uma câmera mais observacional, para pegar as coisas de bastidor, já que a TV Senado transmitia o oficial.

Por que a CPI se tornou o ponto central do seu documentário?

A CPI me interessou porque ela funciona como uma espécie de microcosmo da pandemia. Ali estavam reunidos personagens centrais, os documentos, os conflitos, as contradições e as perguntas que o país precisava naquele momento. Depois, entendi que o filme acabou sendo sobre memória e justiça. Ali fica claro por que Bolsonaro e todo o seu entorno deveriam ser responsabilizados pelos atos durante a pandemia.

Após mergulhar nesses bastidores, qual sua conclusão sobre o trabalho da comissão?

Eu acho que eles fizeram um ótimo trabalho. O relatório do senador Renan Calheiros (MDB-AL) é muito contundente. A CPI conduziu um relatório extenso e indiciou dezenas de pessoas. O fato de não ter havido punição jurídica imediata — que depende de instituições como o Ministério Público e o Judiciário — não significa que a investigação tenha sido irrelevante. A CPI foi importante para acelerar a vacinação e estancar uma corrupção que estava em curso.

A falta de punições rápidas gera uma sensação de impunidade?

Flora Negri/Divulgação



Divulgação



Cena do filme que registra o resgate de vítimas da pandemia

Nem sempre existe uma relação direta entre a gravidade de um acontecimento e a velocidade de responsabilização. A história está cheia de exemplos de investigações que produziram efeitos anos ou décadas depois. O que vale é refletir por que uma tragédia dessa magnitude produziu tão pouca responsabilização. Essa história ainda não terminou. Embora Bolsonaro tenha sido preso por outra questão, acho que o que ele fez na pandemia foi muito mais grave do que a tentativa de golpe. O filme pode contribuir para voltarmos a esse debate. Justiça é o que precisamos para lavar a alma e seguir em frente.

Pelo que você acompanhou e editou, é possível afirmar que o ex-presidente

foi o maior responsável pela condução da crise?

Não tenho dúvida disso. Como presidente, ele decretou e legitimou a morte de centenas de brasileiros. Ele usou o bumbo da morte. Não teve respeito pela dor dos parentes, zombou das pessoas que estavam com falta de ar. Nada ali foi aleatório, havia um pensamento por trás de tudo, como quando ele apresentava remédios ineficazes ou sugeria a imunidade de rebanho. O filme exemplifica de forma clara a responsabilidade que ele teve. O que mais me impressionou foi a insensibilidade, o deboche e a naturalização do ocorrido. Foi uma banalização da morte.

O filme também destaca o comportamento do senador Flávio

Bolsonaro (PL-RJ), pré-candidato à Presidência da República, como foi a participação dele?

O Flávio vem se colocando como o bolsonarista que foi a favor da vacina, mas, no filme, há uma cena chocante em que ele dá uma risada debochada ao ser questionado sobre como o pai receberia o relatório. O filme está vindo em um momento importante, já que ele é pré-candidato, um dos personagens [principais] da obra. Ele é uma continuidade do pai, é o mesmo projeto de negacionismo que vivemos.

O lançamento do filme em um ano eleitoral foi proposital?

Meu desejo era ter lançado na campanha de 2022, mas o filme não ficou pronto. Ele realmente só terminou agora. Acho que ele está vindo no melhor momento possível, justamente por ser ano de eleição. É importante lembrar o que aconteceu, porque nossa memória é curta. Esquecemos porque foi um período muito duro e fazer o esforço de esquecer coisas ruins parece tornar a vida menos pesada. É fundamental lembrar esse governo.

Existe uma relação direta entre o seu filme e outras produções lançadas recentemente pelo campo oposto?

Nosso país está polarizado e existe o filme que eles estão lançando (*Dark Horse*). Eu não vejo paralelo entre um filme e outro, mas acaba sendo um contraponto ao filme do Bolsonaro. Espero que o nosso consiga ter o máximo de alcance possível.

Você sofreu pressões ou ataques durante a produção do documentário? Tem receio de ser alvo de algo após a estreia?

Um dos personagens do filme procurou uma pessoa para chegar até mim e pedir para não estar na obra. Eu respondi que estava falando com a pessoa errada e o assunto foi encerrado. No meu perfil, uma ou outra pessoa fala bobagens, mas não sofri um ataque expressivo. Como estamos em ano eleitoral, possivelmente virá. Mas, como diz Guimarães Rosa: “o que a vida quer da gente é coragem”. Agora não tem mais como fugir.

Qual foi o custo de produção do documentário?

Não sou produtora, mas ficou em torno de R\$ 1 milhão. Parece muito, mas para um filme é pouco, considerando toda a finalização de som e processos. O começo eu banquei do meu bolso para ir a Brasília porque apostava no projeto. Depois corremos atrás de parceiros. Muita gente tocou ajudar pelo assunto, entrando no projeto mesmo sabendo que custa caro. Nunca tive pretensão comercial com esse filme; ele é um ato de solidariedade com quem morreu e tem um objetivo social, político e educativo.

Você pretende negociar documentário com as plataformas de streaming ou mesmo levar às escolas?

Eu vejo este filme como um documento histórico. Se no futuro alguém quiser entender este período, o filme serve para isso. Tive conversas com streamings, pois eles dão muito mais acesso que o cinema físico, que é caro no Brasil. No entanto, houve receio por parte deles por ser ano de eleição e pela temática. Se não rolar no streaming comercial, quero disponibilizar de forma acessível, talvez no YouTube ou em plataformas do governo como a Tela Brasil. Quero que chegue ao maior número de pessoas possível.

Você acredita que o cinema tem o papel de influenciar a percepção política da população?

O cinema tem um papel político, especialmente quando são filmes honestos. Não sei se o grupo mais radical mudaria de opinião, pois eles estão imersos em um pensamento único, mas há uma parcela da população que não se identifica necessariamente com um projeto ou outro. A maior contribuição do filme é fazer com que a pandemia seja lembrada não apenas como uma crise sanitária, mas como um acontecimento político e humano que transformou o país e cada um de nós.

Como você avalia o gerido pelo governo anterior para a cultura?

Foi um período muito duro. Vi amigos com dificuldades e produtoras sendo fechadas. Havia uma perseguição à classe artística porque somos os primeiros a nos posicionar quando a democracia está fragilizada. Tentaram destruir foi o [Ministério] da Cultura. Estamos em uma reconstrução, o que não é fácil. Nesse período, ficamos à mercê dos streamings, onde muitas vezes não temos total liberdade artística e perdemos a propriedade dos nossos projetos. Para novos realizadores, a dificuldade foi imensa.